

Homilia na Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria

Queridos irmãos e irmãs,

A Igreja celebra hoje a Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria elevada à glória do Céu, em corpo e alma.

Uma festa que nos convida como Igreja a olhar com fé para o destino último do Homem à luz do mistério da vida de Cristo, com alegria, esperança e confiança.

É o momento da celebração da vitória sobre o pecado e a morte, que a ressurreição do Senhor nos trouxe como penhor da futura glória. Maria associada a Cristo, o primeiro fruto da seara, manifesta na sua vida de modo pleno a sua santidade e verdadeira comunhão com Deus.

As leituras desta solenidade fazem convergir três grandes momentos da história da salvação: A missão de Maria e o sinal da Mulher no Apocalipse, a certeza da Vitória de Cristo Ressuscitado sobre a morte, anunciada por São Paulo, e no Evangelho de São Lucas, a visita de Maria à sua prima Isabel e a proclamação festiva do Magnificat. É como se a liturgia nos dissesse: aquilo que Deus começou em Cristo quer levá-lo à plenitude e, em Maria, essa plenitude aparece já realizada como promessa para todos na sua Assunção aos Céus. A primeira leitura abre o nosso coração ao mistério da fé. “O templo de Deus abriu-se no Céu”.

“Apareceu no Céu um sinal grandioso: uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap.12 1).

A imagem é cheia de densidade simbólica, fala-nos ao mesmo tempo, do povo de Deus – Israel e a Igreja - e de Maria, figura singular onde esse povo encontra a expressão mais pura e mais bela.

O mal aparece simbolizado no Dragão, que se coloca diante da Mulher que estava para ser Mãe, para lhe devorar, o filho logo que nascesse. Esse filho varão é Jesus Cristo, a vida em plenitude. Maria, a Nova Eva é o sinal da esperança messiânica para todos aqueles que querem seguir Jesus Cristo como verdadeiros discípulos missionários.

Contemplamos aquela que, tendo acolhido plenamente a vontade de Deus, foi elevada à glória do Céu em corpo e alma, tornando-se um modelo e sinal de esperança para toda a humanidade.

No Evangelho escutámos o encontro entre Maria e Isabel. Maria ao visitar Isabel entoava o Magnificat, proclamando a grandeza do Senhor, que ilumina o

caminho da nossa fé e o modo como devemos disponibilizar a nossa vida para nos dedicarmos ao serviço dos irmãos e do cuidado das famílias.

Maria leva Cristo no seu seio e, ao mesmo tempo, leva alegria, esperança e serviço. Não fica fechada em si mesma, mas põe-se a caminho. É este o testemunho que continua a oferecer à Igreja: uma fé que se transforma em disponibilidade, uma esperança que se traduz em gestos concretos de amor.

Também nós somos chamados a ser uma Igreja que vai ao encontro dos outros, pois todos precisam de gestos de solidariedade, especialmente junto dos mais pobres, doentes, idosos, migrantes, deslocados e para com as famílias em dificuldade e todos os que vivem situações de sofrimento ou isolamento.

A Assunção de Nossa Senhora recorda-nos que somos convidados a seguir o exemplo e a entrega de Maria, mas também nos desafia a caminhar ao encontro dos irmãos, sobretudo dos mais frágeis.

Maria é um modelo de fé, disponibilidade e serviço e todos podem ser sinal da presença de Deus e de Maria no quotidiano, através de pequenos gestos de caridade, de reconciliação e de atenção aos que muitas vezes permanecem esquecidos e abandonados na solidão. A fé cristã convida-nos a construir uma sociedade mais fraterna e mais humana, onde todos podem ser sinal da presença de Deus.

Neste dia, homenageamos também a Padroeira da Catedral, a Senhora da Assunção, invocada como Nossa Senhora do Altar Mor, neste lugar. Esta festa de Maria é sinal de esperança para o mundo e motivo de alegria e confiança na vida eterna.

Que Maria nos ajude a viver com o olhar voltado para o Céu, sem nunca deixar de cuidar da terra, dos irmãos e da missão que Deus nos confia.

Esta doutrina foi oficialmente proclamada como Dogma pela Igreja Católica em 1950, pelo Papa Pio XII. No dia 1 de novembro de 1950, o Papa Pio XII, movido pela fé viva do povo de Deus e após longos anos de reflexão e consulta ao episcopado do mundo inteiro, proclamou solenemente o Dogma da Assunção da Santíssima Virgem Maria em corpo e alma à glória do Céu.

Esta verdade, contida no depósito da fé desde os primeiros séculos do Cristianismo, foi definida de forma infalível através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*. “A Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, terminado o curso da sua vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste.” (*Munificentissimus Deus*, 44).

Este dogma não é apenas um elogio à vida de Maria, mas exalta a dignidade singular da Mãe de Deus, a cheia de graça, que nos aponta para o destino glorioso que nos aguarda, a todos, os que vivemos e peregrinamos unidos a Cristo rumo ao céu.

Recordemos a Semana Nacional de Migrações, com o tema “da Fragilidade à Esperança”, que nos convida a trabalhar a favor daqueles que deixam a sua família e a sua terra à procura de um bem maior e de uma vida mais estável.

Confiemos hoje à intercessão de Nossa Senhora da Assunção toda a Diocese de Viseu, os seus sacerdotes, diáconos, consagrados e leigos, bem como todos aqueles que se encontram em férias, os emigrantes que regressaram à sua terra, os doentes, os migrantes, os que sofrem e as famílias que atravessam momentos de dificuldade e de provação. Peço-vos que renovem o compromisso de viver a fé através da solidariedade, da esperança e do serviço ao próximo, consagrando a vossa vida a Nossa Senhora.

Que Maria caminhe connosco neste vale de lágrimas rumo à glória do céu. Unidos nas preces pedimos também por todas as vítimas dos sismos ocorridos em vários países e que interceda junto do seu Filho em prol do fim da guerra em várias nações, com a oferta do dom da paz para toda a humanidade.

Viseu, 15 de agosto de 2026

+ António Luciano, Bispo de Viseu